

AMANHÃ

GESTÃO, ECONOMIA E NEGÓCIOS

500

MAIORES DO SUL



AS 100 EMPRESAS LÍDERES DO PARANÁ,
SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL

As campeãs em vendas e
rentabilidade em mais de 25 setores



EXCLUSIVO Sul emergente - as 300 que pedem passagem

A MAIOR GRUPO J. MALUCELLI

Futuro bem asfaltado

Com forte atuação em construção pesada, geração de energia e concessões, o grupo quer aproveitar o boom dos investimentos públicos em infra-estrutura

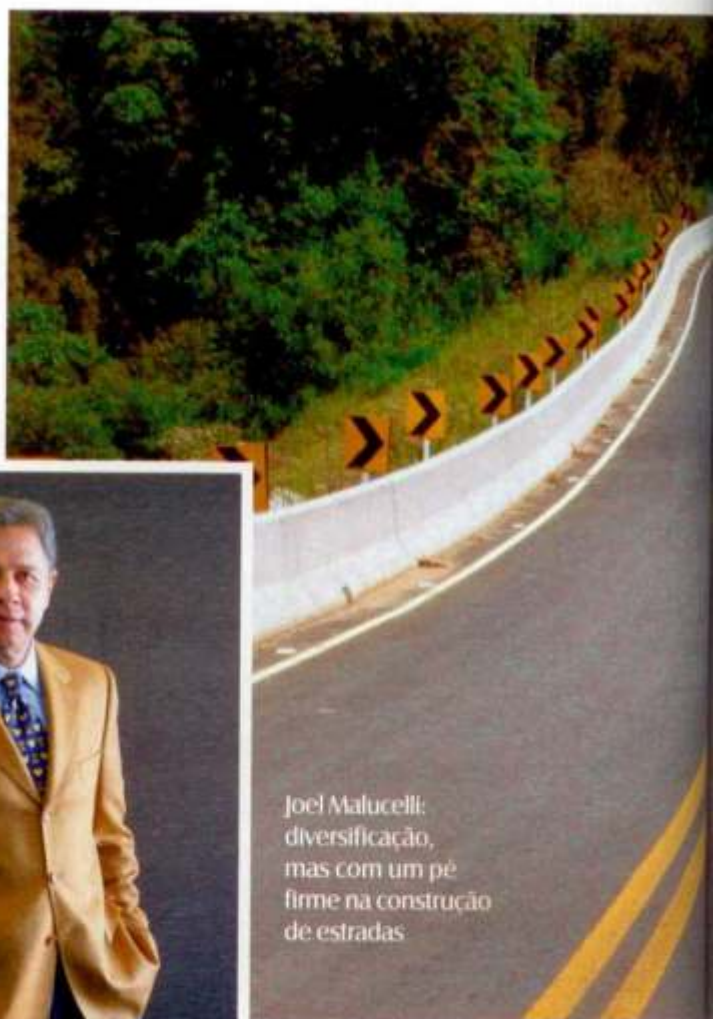
A retomada dos investimentos públicos em infra-estrutura – em muitos casos motivada pelo calendário eleitoral – foi o motor que acelerou a indústria da construção em 2006. A continuidade de importantes obras em usinas hidrelétricas, investimentos em portos e rodovias e o início da Operação Tapa Buracos do governo federal cimentaram o bom desempenho das construtoras da Região Sul. Puxadas justamente pelas companhias da construção pesada, o setor Construção e Mobiliário obteve a maior rentabilidade média (23,4%) entre todos os setores do ranking GRANDES&LÍDERES. “Depois de 30 anos em que não ocorriam investimentos públicos de peso em infra-estrutura, as obras que iniciaram já se refletiram nos resultados das empresas do setor”, afirma Ricardo Portella Nunes, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Pesada do Rio Grande do Sul e coordenador do Conselho de Infra-Estrutura (Coinfra) da Federação das Indústrias do Estado.

O mais importante para o setor é que, depois do período eleitoral, o poder público não tirou o pé do acelerador. As principais fontes de negócios para as empresas são as obras do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) que já estavam contratadas. Entre elas, as melhorias nas áreas portuárias de Rio Grande (RS) e Laguna (SC) e a duplicação do trecho sul da BR-101, entre os municípios de Palhoça (SC) e Osório (RS). No conjunto da Região Sul, o PAC prevê, até 2010, a aplicação de R\$ 23,2 bilhões em infra-estrutura energética e logística – aí incluídas melhorias ou ampliações em todos os portos, pavimentação ou duplicação de rodovias e obras na malha ferroviária, principalmente no Paraná. A participação do capital privado nos empreendi-

CONSTRUÇÃO E IMOBILIÁRIO

RANKING RECEITA BRUTA			
Posição Setor	Empresa/Grupo	Estado	Receita Bruta*
1	Grupo J. Malucelli	PR	395,06
2	CR Almeida S.A. Engenharia de Obras	PR	247,34
3	Construtora Sultepa e Controladas	RS	225,26
4	Koemar Adm. e Parts. S.A.	SC	188,41
5	Ivaí Engenharia de Obras S.A.	PR	144,42

* Em R\$ milhões



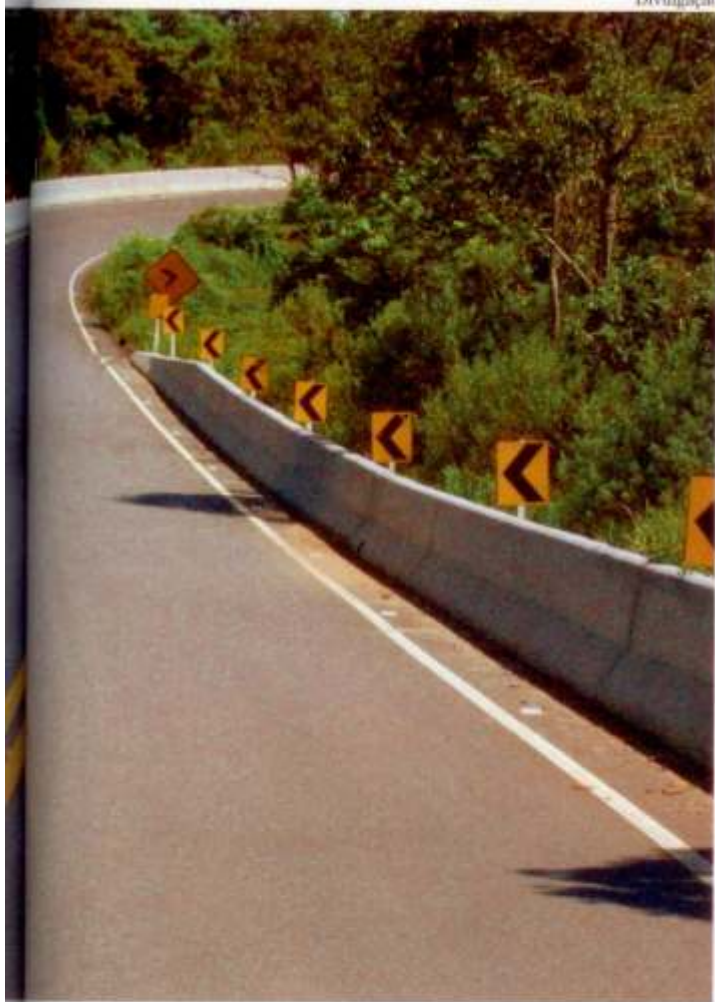
Joel Malucelli: diversificação, mas com um pé firme na construção de estradas

mentos é outro fator que contribui para sustentar os negócios das construtoras. O terminal de contêineres do novo porto de Navegantes, em Itajaí (SC), por exemplo, é totalmente bancado pelo setor privado.

Segunda maior empresa de construção pesada do Paraná e uma das 12 maiores do país, a J. Malucelli está aproveitando bem o momento favorável. No ano passado, a construtora – “empresa-mãe” das 36 companhias que compõem o Grupo J. Malucelli – respondeu por cerca de 20% da receita bruta da *holding*, que somou R\$ 395 milhões. Com sede em Curitiba, o grupo abrange desde banco, distribuidora de títulos e valores e empresa de previdência privada até hotéis e empresas de comunicação, passando por um time de futebol, o Malucelli (ex-Malutron).

Um dos segmentos em que a J. Malucelli vem apostando nos últimos anos é o de construção de hidrelétricas – algumas das quais são operadas pela própria companhia. Na carteira de contratos novos estão a construção de quatro usinas – três no Rio Grande do Sul e uma no Paraná – para companhias do setor elétrico. Entre essas usinas está a hidrelétrica de Mauá (PR), que será construída para a estatal paranaense Copel.

Divulgação



CONSTRUÇÃO E IMOBILIÁRIO

RANKING RENTABILIDADE

Posição Setor	Empresa/Grupo	Estado	Rentabilidade s/ receita (%)
1	Hacasa Adm. e Empreends. Imobiliários	SC	139,43
2	Construtora Castilho	PR	110,06
3	Procave S.A.	SC	59,70
4	CASC – Shopping Mueller	PR	52,08
5	Cesbe S.A. – Engenharia e Empreendimentos	PR	32,95

Na área de geração, o grupo já conta com 152 MW instalados em três Pequenas Centrais Hidrelétricas em Natal (RN), Ribeirão Preto (SP) e Aporé (GO). Outros 162 MW serão implantados, entre PCHs e usinas de médio porte que aguardam a liberação das licenças ambientais e outorgas da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL). “A sinergia é o segredo do negócio. Quando você constrói a barragem e depois gera a energia, reduz os custos”, afirma Joel Malucelli, que começou a trabalhar no setor da construção em 1965, quando tinha apenas 19 anos.

Estradas no DNA – Mesmo com a atenção especial que vem dando à área de energia, a J. Malucelli não tirou o pé da estrada – onde nasceu e prosperou, com um currículo de 6 mil quilômetros de rodovias construídas. Atualmente, está envolvida na construção de trechos da BR-476, no Paraná, e da BR-101, entre Bojuru e Estreito, no sul do Rio Grande do Sul. E como o negócio com rodovias está no seu DNA, a Malucelli planeja participar das novas oportunidades no segmento de concessões. Aguarda as licitações programadas pelo governo federal para a administração de trechos da BR-116 entre São Paulo e Porto Alegre – a empresa já administra parte desta estrada no norte do Rio Grande do Sul, perto de Vacaria. E também está de olho nas licitações para os pedágios na malha rodoviária do governo paulista.

Atirando em todas essas frentes, a J. Malucelli está otimista com o futuro. “Nossa expectativa é obter um crescimento de 20% no faturamento da construtora, mesmo percentual de 2006”, revela Malucelli. Com esse desempenho da construtora, o empresário espera fechar o ano com um aumento de 28% nas receitas totais do grupo.

O otimismo de Malucelli está fundamentado nas boas perspectivas para todo o setor da construção pesada. Em 2006, o Brasil investiu apenas 0,5% do Produto Interno Bruto em infra-estrutura, quase nada se comparado ao índice de países como a China e a Índia, que aplicam entre 3% e 7% do PIB. “O potencial do setor é imenso, porque há muita coisa por fazer. Quando o país investir em um patamar adequado, vamos sentir o reflexo no conjunto da economia nacional”, projeta Portella Nunes, do Coinfra. Pelo otimismo do setor, parece que o caminho está bem asfaltado para as construtoras.